

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

MAFALDA

Talita Rodrigues Costa – Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em
Jornalismo – Faculdade Cásper Líbero – tablitarc@gmail.com

Apresentação

Mafalda é uma história em quadrinhos criada pelo argentino Joaquín Salvador Lavado, que assina sua obra como Quino, produzida entre os anos de 1964 e 1973. Nascida para fazer propaganda de eletrodomésticos – que não deu certo –, a pequena se tornou um símbolo de seu país e da América Latina. A heroína de Quino morou em diversas publicações na Argentina, entre elas a revista *Primera Plana* e o jornal *El Mundo*, conheceu outros países e também aprendeu diversos idiomas.

Este trabalho teve como princípio uma pergunta seguida de uma observação. O questionamento foi a respeito da característica mais marcante de Mafalda: criticar. Para ter opiniões sobre o mundo, a política e as condições sociais, é preciso conhecer. Como Mafalda pode saber tanto sobre este universo limitado ao conhecimento dos adultos? A constatação surgiu a partir da leitura do livro *Toda Mafalda*, que contém quase toda a trajetória da personagem, onde foi possível perceber a constante representação dos meios de comunicação.

Este trabalho pretende mostrar a relação que os personagens têm com as mídias, tendo como foco a protagonista, e analisar como o rádio, a televisão e o jornal são representados nas histórias em quadrinhos.

Personagens

Embora os adultos também sejam representados, os principais personagens em Mafalda são as crianças. A protagonista tem por volta de seis anos quando as tiras iniciam e oito quando Quino decide aposentá-la. Esta é uma característica bastante interessante da obra, pois mostra a passagem do tempo e o envelhecimento da heroína. Mafalda odeia sopa, adora os Beatles e não se conforma com o fato do desenho animado *Pica-Pau* ainda não ter ganhado um Oscar.

A família da protagonista é constituída por sua mãe, dona-de-casa que abandonou os estudos para casar, fato pelo qual a filha sempre a critica, seu pai, que tem

um trabalho burocrático, e seu irmão caçula Guille, que aparece no meio da história, mais precisamente quando Mafalda passa a ser publicada na revista *Siete Días*, em 1968. A personagem vive em um lar característico da classe média, sua mãe reclama dos preços no supermercado, enquanto seu pai se preocupa com as contas e faz prestações para adquirir bens mais caros, como um carro, e alivia suas angústias tomando calmantes.

Cinco outras crianças fazem parte da obra, elas aparecem em momentos diferentes. O primeiro amigo de Mafalda aparece ainda quando a tira era publicada na *Primera Plana*, em 1965. O sonhador, tímido e bondoso Filipe gosta das histórias em quadrinhos do Cavaleiro Solitário e sempre se angustia por causa da escola. O personagem foi inspirado no jornalista e escritor Jorge Timossi, amigo de Quino.

No jornal *El Mundo*, aparece Manolito, teimoso e preocupado com o futuro do armazém Don Manolo, que um dia será uma grande cadeia de supermercados. Pouco depois do colega empreendedor, surge Suzanita, representante da mulher pertencente a uma sociedade mais tradicional. Se o discurso de Mafalda defende a independência feminina, o maior sonho de sua colega é casar e “ter muitos filhinhos”. As férias da protagonista na praia lhe renderam a amizade de Miguelito, especialista em divagações sem sentido durante as brincadeiras e às vezes deixa escapar alguma idéia defendida pelo avô fascista.

A última a fazer parte desta turma é Liberdade, com um discurso político claramente de esquerda, influência de seu pai. A personagem levanta questões que desafiam os professores na escola e perturbam Mafalda.

É relevante lembrar que os meios de comunicação são retratados como coadjuvantes em Mafalda, principalmente em relação ao rádio. Esta representação ficará mais clara quando cada veículo for apresentado.

Corpus e estatística

É evidente para o leitor que fatos da época são mencionados nestas histórias em quadrinhos. No entanto, a compilação *Toda Mafalda*, usada para a análise da obra neste trabalho, não informa a data de publicação de cada tira ou explica o fato histórico ao qual os personagens se referem. Deste modo, consideramos que Mafalda tenha entre suas 1930 tiras, 230 que representem, mencionem, ou comentem explicitamente, os

meios de comunicação, ou seja, cerca de 12%. Dentre estas, a televisão aparece em 60, o rádio 64 e o jornal impresso 106 tiras.

As revistas representadas não foram incluídas, pois não é possível precisar o tipo de publicação (quadrinhos, semanais, femininas, etc.).

Deste modo, o jornal aparece em quase metade (46%) das histórias em que há meios de comunicação ou referência aos mesmos. O rádio e a televisão têm aproximadamente a mesma participação, com 28% e 26%, respectivamente.

As análises e conclusões são fruto de diversas leituras das histórias de Mafalda, assim como do estudo de diversos textos sobre quadrinhos, meios de comunicação e trabalhos sobre a famosa personagem de Quino.

Temas abordados nas tiras

Durante um período, Quino produziu as tiras de Mafalda diariamente, um dia antes de sua publicação. Este ritmo permitiu que o autor trabalhasse com as notícias do cotidiano. No entanto, é interessante notar como determinadas histórias ainda fazem sentido nos dias atuais, mesmo tendo como referência fatos que aconteceram há mais de 40 anos.

Mafalda não é conhecida como uma personagem questionadora e politizada sem fundamento: grande parte dos assuntos abordam política e questões sociais. A condição da mulher na sociedade, o conflito entre o capitalismo e o comunismo, a ameaça atômica, o progresso tecnológico, a democracia, a China como ameaça, a Organização das Nações Unidas (ONU), o desemprego e a questão das armas: este é o panorama dos temas que fazem parte das discussões entre os personagens.

Infelizmente, o livro *Toda Mafalda*, não apresenta notas de rodapé com as datas de publicação de cada tira, referência a qual notícia a história está fazendo menção e muitas vezes estes quadrinhos não estão necessariamente vinculados a representação dos meios de comunicação. Deste modo, serão considerados apenas os temas que aparecem explicitamente vinculados aos veículos de informação, que são de extrema importância para ilustrar como Mafalda é uma produção ligada ao cotidiano.

A Guerra do Vietnã (1959-1975) é um dos assuntos discutidos relacionado aos meios de comunicação nas histórias, sendo tema de sete delas (Quino, 1991: 10 e 11). Mafalda questiona Filipe sobre a presença constante do conflito no rádio e na televisão. “É uma confusão que os adultos arranjam, então os adultos que resolvam!”, responde

o colega. Assim, a protagonista tenta buscar uma explicação com os adultos com quem mais convive: seus pais. Esta é apenas uma das vezes em que eles não sabem explicar algo para a filha. Mafalda então tenta o rádio, mas tudo que ela consegue compreender é uma porção de nomes de grupos que estão uns contra os outros.

Mafalda está mais preocupada com "a confusão que os adultos arranjam" do que os próprios "responsáveis". Outra característica interessante desta série de histórias, é que os meios de comunicação também não explicam o conflito. Ninguém deste mundo parece entender ou se preocupar com o assunto. É este tipo de conflito que permeia o relacionamento entre Mafalda e os adultos, principalmente seus pais, a inversão de papéis, com os adultos alienados e a criança preocupada com as questões políticas e humanitárias.

Outros assuntos mencionados nos veículos de comunicação de Mafalda dizem respeito ao aumento da população mundial, ao conflito árabe-israelense, a ameaça de uma guerra atômica, ao conflito entre EUA e URSS e entre policiais e manifestantes. Também são abordadas questões sociais, como a fome e a pobreza. Neste contexto, é interessante destacar a falta de notícias sobre o cenário político na Argentina, em um momento tão conturbado da história do país (décadas de 1960 e 1970). A mãe de Mafalda reclama dos preços dos produtos no mercado e a protagonista lê uma notícia sobre uma obra estatal para seu irmão, Guille. Pode-se relacionar esta escolha de Quino com o fato de que o autor admitiu a autocensura durante a produção das tiras e de que as críticas ao país foram feitas de forma velada, sendo difícil percebê-las sem notas explicativas ou com as datas de publicação e um profundo conhecimento sobre a história local no período.

Apesar de Mafalda lidar com temas políticos, ela não toma partido nestas questões, apenas critica. Defende a liberdade, a democracia e se preocupa com questões humanitárias, mas não toma uma posição quando o assunto é capitalismo versus o comunismo, por exemplo.

Saindo das páginas sobre política e economia, é interessante notar referências a cultura pop, como os Beatles, James Bond, Hitchcock e Brigitte Bardot. Muitos destes também não aparecem relacionados aos meios de comunicação, mas são uma prova de como as tiras estavam ligadas aos acontecimentos da época.

Além dos fatos jornalísticos, Quino retrata com frequência a publicidade nas histórias, geralmente, vinculadas ao rádio e a televisão. As características destes conteúdos dizem respeito principalmente a linguagem que usam e o estilo de vida que

mostram. Este trecho do escritor Marshall McLuhan ilustra por que estas representações tem efeito cômico nas histórias de Mafalda:

Qualquer anúncio deslocado para um novo cenário se torna engraçado. Isto vale dizer que qualquer anúncio é cômico quando apreciado conscientemente. Os anúncios não são endereçados ao consumo consciente. São como pílulas subliminares para o subconsciente, com o fito de exercer um feitiço hipnótico, especialmente nos sociólogos. (McLuhan, 1999: 257)

O autor ainda afirma que a propaganda desenvolve os anúncios como ícones, que “não são fragmentos ou aspectos especializados, mas imagens comprimidas e unificadas de natureza complexa” (McLuhan, 1999: 255). É a partir deste processo e de pesquisas que testam as reações dos consumidores que os comerciais se tornam eficazes, segundo McLuhan (1999: 258). Ao retratar estas peças nas histórias em quadrinhos, Quino mostra seu aspecto cômico e influente da propaganda em seus próprios personagens. Uma das características da propaganda retratada nas histórias é o alcance da felicidade por meio do consumo de determinados produtos.

Os comerciais veiculados pela televisão influenciam a linguagem infantil e estimulam o consumo, como exemplo, pode-se citar o momento em que as crianças aparecem com produtos com a marca “James Bond” (Quino, 1991: 84). Além disso, os personagens mostram compreender que o cotidiano mostrado nas cenas dos comerciais não corresponde à realidade (1991: 385 e 11).

Quino também retrata outros conteúdos, principalmente em relação à televisão, como as novelas e as séries de western. Ao analisar cada meio de comunicação isoladamente, estes temas serão abordados novamente neste artigo.

Os temas relacionados aos meios de comunicação são bastante distintos entre si. Embora Mafalda tenha uma forte característica relacionada à política e as questões sociais, outros assuntos também são retratados, como artistas, entretenimento e os comerciais. Assim, é possível concluir que Mafalda não conhece por meio dos veículos de comunicação apenas os fatos que critica e questiona, mas amplia seu conhecimento como um todo, tendo contato com diversos temas e produções culturais também.

Os personagens secundários e os meios de comunicação

Como o Norte para a observação e análise das tiras é a protagonista, foi reservado um tópico para que seja possível compreender o papel que os meios de comunicação têm no cotidiano dos outros personagens de Mafalda.

Os pais da heroína de Quino apresentam comportamentos e reações semelhantes no que se refere ao noticiário. O pai de Mafalda aparece constantemente com o jornal em mãos, também é representado assistindo ao noticiário e ouvindo jogos de futebol pelo rádio, veículo que também aparece quando o personagem se lembra de sua infância (Quino, 1991: 226). Já a mãe da protagonista é mostrada principalmente com a televisão, entre os meios de comunicação (1991: 11). Ambos são representados de forma bastante passiva, apenas o pai esboça alguma reação mais passional com os jogos ou resmunga enquanto lê. Deste modo, eles não conseguem esclarecer as dúvidas da protagonista sobre questões adultas, frequentemente abordadas no jornal, como é o caso da Guerra do Vietnã. O acesso as notícias faz com que Mafalda deixe seus pais desconcertados com perguntas capciosas (Quino, 1991: 10).

Eles não são mais críticos ou capazes de transmitir o conhecimento que teoricamente absorvem dos noticiários. Seus protestos estão limitados aos preços no mercado ou as contas a pagar.

Em relação aos personagens infantis, há uma característica comum a estes, com exceção de Liberdade, com diferentes graus. Eles se vêem representados em determinadas notícias ou discutem as conseqüências de alguns fatos em suas vidas, de forma um tanto egoísta, por sinal. Quando o assunto discutido pelos pequenos é a superpopulação mundial, por exemplo, Suzanita se preocupa com o espaço para seus “filhinhos” (Quino, 1991: 47), Mafalda vibra com a possibilidade da escassez da tão odiada sopa, por causa da falta de alimentos (1991: 48) e Miguelito fica apreensivo com a existência de alguma lista, pois acredita que “se está demais neste mundo”, prefere permanecer incógnito. Até mesmo o pequeno Guille pede para que sua irmã mais velha veja se o jornal diz algo sobre o aumento no preço das chupetas (1991: 325).

Entre os colegas de Mafalda, Filipe é o que mais aparece retratado com os meios de comunicação. Ele lê o jornal para a protagonista no início das tiras, quando ela ainda não foi alfabetizada, e mais para frente para todos os colegas. Também gosta das palavras cruzadas e de histórias em quadrinhos, que mexem com sua imaginação. Filipe

experimenta sentimentos de indignação e angústia, mas uma de suas principais características é o otimismo.

Suzanita e Manolito não se importam com as questões políticas e sociais, a não ser que afetem suas vidas. No caso de Suzanita, as informações servem para que ela se sintam bem consigo mesma e a personagem também sempre sonha com notas sobre si nas colunas sociais. Já Manolito, se preocupa apenas com fatos que afetem a economia e podem beneficiar ou prejudicar seus negócios.

O irmão caçula de Mafalda aparece com a televisão e o jornal, quando Mafalda lê para ele. O autor usa Guille para piadas mais leves sobre o cotidiano, a crítica ainda está presente, mas de maneira mais sutil. Miguelito se identifica com as estatísticas: acredita que falam sobre ele.

A personagem com a opinião mais radical sobre os meios de comunicação é Liberdade. Influenciada pelo discurso de esquerda de seu pai, a personagem é categórica “os jornais inventam metade do que dizem! E levando em conta que os jornais não dizem nem a metade do que acontece, o resultado é que os jornais não existem!” (Quino, 1991: 384).

Assim, pode-se admitir que todos os personagens relacionam-se com os meios de comunicação e com as notícias. Em diferentes níveis, frequência e aprofundamento, eles estão envolvidos com a representação destes veículos de informação. Como ficará claro com a análise de cada meio listado, é a protagonista quem mais contracenar com a imprensa e com as produções culturais em Mafalda.

Televisão

Existem dois pontos bastante claros em Mafalda com relação à televisão: a influência que exerce sobre as pessoas e as críticas que dizem respeito ao seu conteúdo como um todo.

Logo no início das histórias, este primeiro tópico é abordado ao longo de várias tiras, pois a protagonista deseja um aparelho em casa, mas seu pai se mostra preocupado com a possibilidade da televisão “deformar a mente das crianças” (Quino, 1991: 3). A popularidade desta mídia faz com que Mafalda seja vista como um “animal raro” na escola quando se torna público que ainda não possui o televisor (1991: 3). O pai acaba cedendo ao pedido da protagonista e futuramente, o autor mostra em algumas tiras que a

mente dos pequenos continua bastante fértil mesmo convivendo com o aparelho (1991: 99).

Por outro lado, a história revela em diversos momentos a impossibilidade de raciocinar e o poder hipnótico exercido pela televisão. A mãe da protagonista é seduzida de tal modo pelo aparelho que até se esquece de pedir a filha para assistir menos a programação. Em outra tira, Mafalda ao ver Guille balbuciando em frente ao aparelho, afirma que ele já está raciocinando como um adulto diante da TV (Quino, 1991: 222).

Quanto ao conteúdo da programação, as tiras o criticam constantemente, mostrando sua previsibilidade e a falta de qualidade. Suzanita prevê toda a trama da novela, da mesma forma como Mafalda faz com o noticiário, que por sua vez, diz que este é a luta do roteirista para não cair nas garras da inteligência (Quino, 1991: 162 e 370). Quino também mostra em algumas histórias como alguns programas são violentos, como as séries western assistidas pelas crianças. Suzanita chega a fazer a uma analogia entre a quantidade de mortos da história e o tempo máximo que deverá tomar seu lanche após sua mãe chamar: “não vamos fazer ela esperar mais de dois ou três mortos” (1991: 234).

Deste modo, a televisão tem apenas um trunfo nas histórias de Mafalda, o de não deformar a mente das crianças ou atrofiar sua imaginação. No restante do tempo em que é retratado, o aparelho é alvo de diversas críticas, a falta de qualidade, a violência e a previsibilidade são as principais características da tecnologia do momento na época em que as tiras foram produzidas.

Rádio

Mafalda faz do rádio um personagem da tira: ela o ofende, responde ao que o noticiário diz, completa suas sentenças, o interrompe e contracena com ele como seu fosse um de seus colegas (Quino, 1991: 42 e 349). Este veículo acompanha a protagonista desde o início da história, pois é ele que a informa antes de aprender a ler e de ter uma televisão em casa.

Até mesmo quando está ouvindo um programa de entretenimento, a personagem contracena com o rádio, dança e reage as produções educativas (Quino, 1991: 189). No entanto, Mafalda demonstra sentimentos negativos em relação a este meio, tratando o rádio como um mensageiro de problemas e tragédias no mundo. Por vezes, ela o responsabiliza pela situação em que a política e a sociedade se encontram.

Mafalda já está tão acostumada a ouvir más notícias que qualquer adjetivo negativo dito no rádio é entendido como parte de uma notícia política. Ela confunde, por exemplo, a previsão do tempo, “instável e sujeito a piora”, com algum informativo sobre o governo e acusa o aparelho de alarmista (Quino, 1991: 35). A protagonista está condicionada a ouvir notícias ruins e assume que tudo de mau é algo relativo a política, a economia ou as condições sociais.

Em dois outros momentos Mafalda se nega a ouvir o noticiário para que possa ter uma tarde sem amarguras, apenas brincando (Quino, 1991: 131 e 265). É a partir deste conteúdo que ela briga com ele, afinal de contas, alguém precisa ser responsabilizado pelo que acontece no mundo e se nenhum adulto toma providências, Mafalda discute com quem lhe informa que tudo vai mal.

O rádio também mostra quais notícias a protagonista gostaria de ouvir, aquelas que não lhe agrada e as que já são previsíveis ao ponto dela completar a fala do locutor. Mafalda imagina que a gravidez de sua mãe motivou diversas resoluções de conflitos e bons encaminhamentos políticos no mundo ao pensar em ouvir o noticiário. Ao final desta história, ela conclui “é melhor não. Desconfio que o noticiário vai me desiludir” (Quino, 1991: 180). No alto-falante do rádio, não há espaço para o mundo que Mafalda quer viver, nem para boas notícias. “Devia ter um dia por semana em que os noticiários enganassem a gente e dessem boas notícias”, lamenta a heroína (1991: 138).

Jornal impresso

O jornal impresso é caracterizado, principalmente, como um motivo de interação entre as crianças nas histórias. Seja quando discutem as notícias, se colocam longe do mundo retratado por elas, julgam como as informações podem influenciar suas vidas ou quando fazem as palavras cruzadas organizadas por Filipe.

Embora às vezes resmungue palavras soltas, o pai de Mafalda é constantemente retratado com o jornal nas mãos, mas sem emitir opiniões ou conseguir explicar o que está acontecendo no mundo para filha (Quino, 1991: 398 e 11). Ele é a criança nesta história, mostrando a inversão de papéis entre o mundo infantil e adulto que ocorre em Mafalda e é o mote de tantos momentos cômicos.

Estes periódicos também são portadores de más notícias e por vezes ignorados pela protagonista, mas não chegam a ser ofendidos e alvos da frustração de Mafalda com o que acontece no mundo. Em alguns momentos ela até fica feliz ao perceber que

alguma notícia pode beneficiá-la diretamente, como quando conclui que faltará comida com o aumento da população mundial e, conseqüentemente, será o fim da sopa (Quino, 1991: 48).

Uma das observações mais interessantes sobre o jornal em Mafalda é sua ligação com encontros entre crianças. Embora tenha uma linguagem mais difícil, Filipe lê para os colegas as notícias, que envolvem outros temas além da política, como arqueologia e descobertas científicas, e faz junto com eles as palavras cruzadas (Quino, 1991: 129 e 135).

Mafalda sempre mostra desaprovação com a reação dos colegas às notícias: Manolito mostra satisfação ao pensar que seus negócios podem prosperar, pois o mundo continuará faminto e Suzanita acredita que o mundo real, com violência, pobreza e fome, está bem longe dela (Quino, 1991: 223 e 243). No entanto, a protagonista também mostra que pensa em si mesma com notícias que afetem seu interesse. Até mesmo chega a esquecer todo seu discurso a favor da democracia para exclamar “Abaixo a liberdade de imprensa!” quando vê uma receita de sopa no jornal (1991: 40)b.

O golpe mais voraz que os periódicos sofrem em Mafalda sai da boca da pequena Liberdade, que deixa a protagonista sem reação (mais uma vez!) ao afirmar que como eles inventam metade do que dizem e não dizem nem metade do que acontece, eles nem existem.

Observações finais

Embora Quino tenha produzido Mafalda durante um determinado período no dia anterior a sua publicação, fazendo da tira um cartun, sua criação é atemporal. As preocupações levadas a protagonista pelos meios de comunicação, são as mesmas de hoje. A única coisa nesta história que é maior que a genialidade do autor, é a estupidez humana, que há mais de 30 anos continua decepcionando e angustiando a heroína e seus leitores.

Após estas observações, pode-se notar que os meios de comunicação são cruciais para as críticas que Mafalda tece sobre o mundo e que a caracterizam como um personagem politizado. O interesse da personagem em saber o que acontece no mundo e a incapacidade de seus pais esclarecerem suas dúvidas deixam evidente a inversão de papéis entre adultos e crianças nesta história em quadrinhos.

Os temas relacionados aos meios de comunicação são diversos. Os personagens discutem ídolos do mundo pop, política, economia e descobertas científicas. É esta bagagem que proporciona subsídios para Mafalda reclamar do mundo e ela tem apenas uma forma de chegar a este conteúdo: assistindo a televisão, ouvindo o rádio e lendo o jornal.

Cada um destes meios tem suas próprias características nas histórias, não são apenas meios, são personagens, com características próprias e até mesmo tratados como coadjuvantes, como quando se olha para o rádio. A televisão recebe críticas pela baixa qualidade e pela previsibilidade de seus programas. A violência e a influência sobre os personagens também são pontos discutidos pelo autor.

O rádio é alvo de toda a frustração de Mafalda pela doença do mundo, sendo responsabilizado e hostilizado pelo conteúdo que veicula. A protagonista vê em seu rádio de pilha uma forma de demonstrar seu descontentamento com o mundo.

O jornal impresso também é alvo de algumas críticas e às vezes sente os suspiros de Mafalda, mas não chega a ser tão maltratado como o rádio. Os periódicos reúnem as crianças, é um motivo para estarem juntos lendo as notícias ou fazendo as palavras cruzadas.

Não apenas pela quantidade de tiras que mostra ou tem relação com os veículos de comunicação, mas também pelos temas que estes tratam e pela forma como Mafalda reage às notícias, é possível concluir que a mídia contribui para o espírito crítico da protagonista. Se seus pais não conseguem lhe explicar o que acontece no mundo, ela procura as respostas nas fontes de informação as quais tem acesso. Os adultos não compreendem seu próprio mundo e nem ao menos se preocupam com ele, é esta situação que faz Mafalda crescer e ler, assistir e ouvir os noticiários e mostrar seus pais como crianças que pensam apenas em seus próprios brinquedos.

Referenciais bibliográficos

ADORNO, Theodor: “A indústria cultural”, em Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo, Edusp, 1971.

ANSELMO, Zilda Augusta: Histórias em quadrinhos. Petrópolis, Vozes, 1975

BIBE-LUYTEN, Sonia M.: O que é história em quadrinhos. São Paulo, Brasiliense, 1993

BRAIT, Beth: A Personagem. São Paulo, Ática, 1998.

CIRNE, Moacy: A Explosão Criativa dos Quadrinhos. Petrópolis, Vozes, 1974.

CIRNE, Moacy: A Linguagem dos Quadrinhos: o Universo Estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa. Petrópolis, Vozes, 1975.

CIRNE, Moacy: Uma introdução política aos quadrinhos. Rio de Janeiro, Achiamé/Angra, 1982.

ECO, Umberto: Apocalípticos e Integrados. São Paulo, Perspectiva, 2001.

GOTTLIEB, Liana: Mafalda vai à escola: a comunicação dialógica de Buber e Moreno na educação, nas tiras de Quino. São Paulo, Iglu, 1996.

GROCIOL, Judith e Diego ROSEMBERG: La historieta argentina: una historia. Buenos Aires, Ediciones de la Flor, 2000.

HAUSSEN, Dóris Fagundes: “Rádio, populismo e cultura: Brasil e Argentina (1930-1955)”, em: Revista FAMECOS n°5, Porto Alegre, 1996.

HERNÁNDEZ, Pablo José: Para leer a Mafalda. Buenos Aires, Precursora, 1976.

JUNIOR, Gonçalo: A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64. São Paulo, Companhia das Letras, 2004

MCLUHAN, Marshall: Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo, Cultrix, 1999.

MOYA, Álvaro de: História das histórias em quadrinhos. São Paulo, Brasiliense, 1996.

MOYA, Álvaro de: SHAZAM!. São Paulo, Perspectiva, 1977.

MAZZIOTTI, Nora: “La televisión en Argentina” em Histórias de la televisión em América Latina. Barcelona: Ediorial Gedisa, 2002.

QUINO: Toda Mafalda. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

RAMOS, Paulo: Bienvenido: um passeio pelos quadrinhos argentinos. Campinas, Zarabatana Books, 2010.

ROSENBERG, Bernard e WHITE, David Manning: Cultura de massa: as artes populares nos Estados Unidos. São Paulo, Editora Cultrix, 1973.

SANTOS, José Rodrigues dos: Comunicação. Lisboa, Difusão Cultural, 1992.

SOARES, I e S. Luyten (org.): Histórias em quadrinhos: uma leitura crítica. São Paulo, Paulinas, 1989.

VERGUEIRO, Waldomiro: “Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição” em DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação. V. 6 n. 2 abril de 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro e SANTOS, Roberto Elísio dos: “A pesquisa sobre histórias em quadrinhos na Universidade de São Paulo: análise da produção de 1972 a 2005” em UNIrevista - Vol. 1, n° 3: (julho 2006).